

DOCA
— E O —
MENINO
- O laço e o silêncio -

Baseado em fatos reais



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 99983-2575 | Claro (19) 99317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

WILSON GARCIA

DOCA
— E O —
MENINO
- O laço e o silêncio -

Baseado em fatos reais

Capivari-SP
- 2017 -

© 2017 Wilson Garcia

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição - agosto/2017 - 3.000 exemplares

Coedição: CPDoc / EME

Distribuição: Editora EME

CAPA | André Stenico

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo

REVISÃO | Editora EME

Ficha catalográfica

Garcia, Wilson, 1952

Doca e o menino - o laço e o silêncio / Wilson Garcia
- 1ª ed. agosto 2017 - Capivari-SP: Edição conjunta :
CPDoc; Editora EME.

168 p.

ISBN 978-85-9544-023-4

1. Literatura espírita. 2. Lembranças de uma vida. 3. Valor da amizade. 4. Caridade espontânea.

I. TÍTULO.

CDD 133.9

Para

Maria Hermelinda Coelho de Andrade,
com profunda admiração.

*Duas vidas todos temos...
Muitas vezes sem saber...
- A vida que nós vivemos
E a que sonhamos viver...*

Luiz Otávio

SUMÁRIO

I - Hora do triunfo	11
II - Muito prazer, Doca.....	17
III - Café matinal.....	29
IV - O lado oculto da casa	43
V - O chicote queimado.....	53
VI - Um grito na madrugada	59
VII - Onde estás?	71
VIII - Eu sou filho das estrelas, ele, dos barões.....	85
IX - Natal e solidão.....	93
X - O desgaste da liberdade	99
XI - Corações de lama	113
XII - Esta não lhe pertence.....	125
XIII - Água de beber, vinho de provar.....	131
XIV - O Cine Brasil e a amizade de papelão	141
XV - Um plano de última hora	145
XVI - Tudo acaba onde não termina	157
XVII - O documento.....	167

I

HORA DO TRIUNFO

O FIM DO OUTONO se aproximava quando ele entrou no pátio da antiga fazenda e deu de cara com o letreiro. Estava cansado, muito cansado. Tudo em volta denotava abandono, as folhas, secas pelo chão, as árvores nuas, e um fino e insidioso vento frio a aumentar o desconforto.

Sentou-se no velho banco de madeira sem se importar com o pó acumulado, recostou-se com cuidado e tentou lembrar-se de quando ouviu pela primeira vez aqueles versos. Perguntou-se se não era imaginação ou miragem e num último esforço levantou-se e se arrastou até o letreiro. Lá estava a trova, não restava dúvida, gravada a fogo na tábua agora quase podre.

*Na correnteza da vida
És madeira que flutua,
São os outros que te levam
E pensas que a força é tua.*

Sentou-se, novamente, ajeitou o cachecol xadrez em

volta do pescoço, fez novo esforço mental e ouviu uma voz feminina a dizer aqueles versos com uma suavidade que somente as mulheres conseguem. Olhou em volta para se certificar se Doca não estava por ali, pois ultimamente ela dava de aparecer com uma ternura que lhe comovia. Nada.

- É outono total - resmungou.

A voz repetiu os versos e ele procurou outra vez Doca com o olhar. Inutilmente. De repente, viu-se projetado ao passado de sua infância. A memória o conduziu primeiro na direção do Largo da Matriz de sua cidade natal. Depois de contornar a imponente igreja, foi surpreendido pela lembrança do dia em que entrou pela porta principal nas vestes de coroinha. Estava, então, com oito anos de idade. Desceu as escadarias, passou pelos imensos jardins até alcançar uma residência que havia frequentado muitas vezes. Logo, estava no quarto do amigo de infância, o Zinha. Viu Mirtes, a cozinheira; Odila, a doceira e, por último, o amigo, deitado na mesma cama de antigamente, a recuperar-se da terceira cirurgia cardíaca. Provação dura, que lhe minava as forças, e ainda convivia com uma moléstia nos olhos que lhe reduzia drasticamente a visão. Ao lado, os óculos de grossas lentes capazes de acender uma fogueira se colocadas contra o sol.

Um antigo rádio de válvulas, no criado-mudo da cabeceira, anunciava o início da novela das cinco horas da tarde. Quando "Jerônimo, o herói do sertão" começasse, todos na casa estavam informados por dona Isaura, a mãe, de que não deveriam importunar o Zinha. Antes,

porém, entraria o momento de poesia com um locutor de voz empostada e romântica, dourando as esperanças dos corações sonhadores.

Deixou a casa e prosseguiu em seu passeio. Passou pela padaria do “seu” Chico, alcançou o imponente prédio do grupo escolar e, por fim, a rua do Descoberto, onde viveu com Doca a primeira experiência extraterrena. Ali estava, à sua frente, o pequeno prédio caiado de amarelo com o letreiro encimando a porta: Centro Espírita Carlos Alves. Recordou-se, então, daquela manhã de verão em que Doca, candidamente, chamou sua atenção para os estranhos fatos que ali ocorriam, quando se dirigiam à fazenda dos Veiga.

Ele menino de barro e sonhos, ela mendiga de vida e dor. Tudo era passado, apenas as lembranças confirmavam o presente. E o presente passava.

Uma força estranha, porém, o levou de volta ao lugar desértico e silencioso da velha fazenda da Braúna. O pátio que foi testemunha de muitas histórias estava totalmente abandonado. Foi naquele lugar que Doca ressurgiu das sombras pela primeira vez, deixando nele a certeza de que o acompanharia em sua trajetória de quase setenta anos de vida física. Bastou o olhar dela, luzindo no rosto pálido e tranquilo, para que ele tivesse essa convicção que, enfim, se confirmou.

Quando era criança e Doca mendigava, ela o conduziu pelas mãos em muitas aventuras infantis, enquanto ele a acompanhou em algumas de suas rondas semanais pelas casas da pequena cidade, em busca de doações. Ela enchia a sacola que levava pendurada no

braço direito e retornava para casa do menino, onde separava alimento por alimento, pacientemente. Passo seguinte, saía a distribuir tudo com algumas famílias pobres da periferia com as quais mantinha contato permanente.

Quando se deu conta do que Doca fazia, o imberbe menino viu abrir-se em sua mente uma nova e surpreendente dimensão da vida. Admirou, no silêncio do olhar, Doca como nunca havia admirado alguém. E chorou lágrimas doloridas na única vez em que a acompanhou na distribuição dos alimentos que havia recolhido.

Isso aconteceu num início de noite de uma quarta-feira. No primeiro casebre em que entraram, viu quatro rostos tristes e famintos – um casal de negros e seus dois filhos – se iluminarem a ponto de a lamparina de querosene parecer luz elétrica de mil volts. A fome cobra um preço alto à dignidade humana, mas a esperança mantém os corpos em pé. O quadro se repetiu nas outras três choupanas em que foram. Fatos como esses tocam o coração e fazem até o cérebro de um simples menino registrar para sempre.

Ali, agora, no pátio da velha fazenda tudo parecia um sonho. Doca o amparou durante aquele tempo todo sem se deixar ver por quase mais ninguém, sem dizer palavras, apenas com o olhar compassivo e calmo. Foi-lhe inspiração e foi estímulo. Costumava aparecer em horas difíceis e quando o fazia, fazia também com seu olhar silencioso um significativo e terno discurso a transmitir-lhe tranquilidade. Quando em vida, falava pouco, apenas o necessário. Já nas sombras, parece ter descoberto

que a palavra era ainda mais inútil. Acostumou-se ele com aquelas aparições, às vezes contínuas, às vezes espaçadas. Mas sempre que ocorriam, sinalizavam segurança e propunham serenidade.

Faz uma semana que Doca falou pela primeira vez depois de tantos anos de convívio. E suas palavras foram de despedida. Ele entendeu a mensagem: em breve trocariam de lugar; ele retornaria ao mundo das sombras e ela viria ao mundo dos seres de algodão. Foi quando decidiu revisitar o passado e voltar ao momento e ao lugar onde tudo começou. Naquela época, Doca caminhava para o ocaso da vida, mas com o tempo necessário para dar-lhe o exemplo da boa caridade. Ele, ao contrário, estava quase no início da vida, frágil, mas cheio de sonhos e todo o futuro pela frente.

Uma outra voz vinda de dentro do cérebro, resignada, lembrou-lhe que a vida nos alerta para a hora de nascer e a hora de morrer. O vento assobiou entre as árvores e alguém o avisou que deveriam partir. Ele olhou pela última vez o pátio.

Silêncio. Outono. Silêncio outonal.

II

MUITO PRAZER, DOCA

1956. A PEQUENA CIDADE mineira guarda suas tradições com garbo e tem orgulho de si mesma, de seus habitantes ilustres e das conquistas históricas. Esconde quanto pode e mostra, também. O que não é para ser visto permanece oculto; o que é, alardeia-se quanto possível.

- Você viu o que aconteceu ontem à noite? Menina, que coisa horrível!

Pronto, está instalada a curiosidade, a dúvida ou o despeito. Como não saber de algo importante? Como estar alheio ao que certamente será motivo de comentários ou chacotas no dia seguinte?

Naquela manhã de setembro, quando os últimos sopros de vento frio se desfaziam e o calor extemporâneo antecipava o verão, Doca tomou o menino pelo braço, dizendo:

- Vamos até a fazenda dos Veiga.

Sabia ele que, em momentos assim, Doca já havia conversado com sua mãe sobre a intenção de levá-lo em sua companhia. Os dois subiram em direção ao Grupo